

Construção da paisagem na produção alternativa dos integrantes da Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE) de Porto Alegre

Cláudia Dreier

Roberto Verдум

Introdução

A Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE) acontece desde 1989 aos sábados pela manhã no canteiro central da primeira quadra da avenida José Bonifácio, em Porto Alegre. Ela originou-se na Cooperativa Coolméia mantendo os seus princípios: ecologismo, naturismo e cooperativismo. O primeiro reflete a preocupação com a preservação ambiental e com a utilização de tecnologias brandas. O segundo estabelece que na feira existam alimentos ovo-lacto-vegetarianos, barrando refinados, farinhas e açúcares, e alcoólicos destilados. No último, enfatiza-se o caráter coletivo, na produção e na organização da feira, onde ocorrem reuniões semanais para avaliação e planejamento.

Agregando trabalho e renda para 149 famílias, a FAE constituiu-se de 41 bancas permanentes, três bancas de safristas de verão e três bancas eventuais de artesanato. Entre todas, existem bancas de participantes que não comercializam na feira produtos in natura diretos de suas práticas agrícolas, incluindo a banca institucional denominada Banca do Meio, bancas com livros, lanches, flores, bolicho até aquelas com agroindústria como geléias, caldo-de-cana e pães, totalizando 15 bancas nesta categoria.

Das 26 bancas com alimentos colhidos na propriedade dos produtores, esta pesquisa elegeu uma amostra qualitativa de cinco bancas que tivessem: 1. distin-

tas localizações geográficas no Estado; 2. variados produtos oferecidos na feira; 3. diferentes organizações de produção, seja no processo de produtor familiar, seja no processo associativo e; 4. diversos períodos de participação na feira.

Agriculturas alternativas

Nesta pesquisa torna-se indispensável entender os conceitos relacionados à produção alternativa que deram origem à feira e às práticas dos seus integrantes. Tais definições permitem discernir diferentes expressões relacionadas ao tema e o porquê de tais denominações que incluem produção tradicional, convencional, biológica, natural, alternativa, regenerativa, artesanal, agroecológica, ecológica, e orgânica.

Em seguida passa-se a discorrer sobre os conceitos de paisagem, ao longo de diversos períodos e distintas geografias realizadas mundo afora, até definir os autores que melhor se adéquam ao tema proposto. Por fim, abordam-se as tecnologias de produção que servem como instrumentos formadores de paisagens.

Na Revolução Agrícola, ainda na pré-história humana, as civilizações floresceram ao lado de grandes rios, tirando deles água, transporte e sustento do solo. A produção nutria uma população que prosperava, até atingir um patamar de excedentes permitindo a Revolução Urbana, berço da civilização que chegou aos dias atuais. Por muito tempo a agricultura seguiu práticas milenares, baseadas em recursos provenientes dos meios naturais. A esta prática, autores como Lutzenberger, Altieri, Gliessman denominam agricultura tradicional, o qual remete às populações com o mesmo nome.

Este paradigma de manejo foi quebrado a partir do desenvolvimento da indústria química. Segundo o Engenheiro Agrônomo Sebastião Pinheiro (2010), o grande inventor dos fertilizantes químicos e concentrados solúveis foi o alemão Justus von Liebig, que viveu entre 1803 e 1873. Mudou-se para Paris em 1822 e juntou-se a grandes químicos franceses como Thénard, Joseph Gay-Lussac, Chevreul, e Vauquelin. Ao ser admitido em um laboratório privado, continuou a pesquisa na área de química que fora iniciada na Alemanha. Dois anos após, ao apresentar os seus trabalhos na Academia Francesa, Liebig foi nomeado, aos 21 anos de idade, professor extraordinário da Universidade de Giessen, no seu país de origem. Ao aplicar os princípios da química na produção de alimentos, partindo da conclusão que as plantas alimentícias cresceriam melhor e teriam maior valor nutritivo se fossem adicionados elementos químicos na quantidade mínima e adequada ao seu cultivo, von Liebig chegou à famosa fórmula NPK,

iniciando a era dos fertilizantes químicos.

Outro mineralogista e geoquímico, o ucraniano Vladimir Vernadsky (1998), antecedeu em meio século a teoria de Gaia de James Lovelock, reconhecendo a Terra como um sistema esférico auto-regulado pela vida em suas mais variadas formas. No seu livro, *A Biofera*, de 1926, editado nos Estados Unidos em 1998, define que as substâncias químicas utilizadas pelos organismos vivos entram lentamente na biosfera e ficam muito tempo circulando ao longo da cadeia alimentar formada pelas espécies atuantes na superfície do Planeta. Para Vernadsky (1998, p.86), “Essa tecnologia que extrai elementos do meio natural, sem passar pelo lento e suave processo biótico natural e vivo, agride toda essa rede e provoca nela profundas transformações”.

Práticas de agricultura tradicional, regidas pelo equilíbrio da biosfera, eram ampliadas também na área da pesquisa em universidades de vários países até o final da década de 1940. Segundo Lutzenberger (1988), na metade do século XX, a indústria química conseguiu orientar tanto as escolas, como as pesquisas de extensão e agrícolas para uma nova proposta, pautada em interesses econômicos, justificados pelo aumento populacional e pela necessidade de ampliar a produção de alimentos. Passou então, a ser adotado no meio acadêmico o que o autor denomina de “paradigma NPK + V. NPK corresponde a Nitrogênio, Fósforo, Potássio, o V significa veneno.” (1988, p.06)

A passagem da agricultura tradicional para a convencional teve um grande catalizador na Primeira Guerra Mundial. Lutzenberger (1998, pp. 06 e 07) explica que o bloqueio aliado impediu que chegasse aos alemães o salitre chileno, essencial para a produção de explosivos. Adotou-se o processo Haber Bosch para fixar o nitrogênio do ar, organizando uma linha de produção que permitiu que o país lutasse por quatro anos.

Quando a guerra acabou, havia enormes estoques e capacidade de produção, mas não havia mais grande mercado para explosivos. A indústria então decidiu empurrar fertilizantes nitrogenados para a agricultura. (...) fertilizantes à base de nitrato e amônia, de certa forma viciam, quanto mais se usa mais se precisa usar. Logo se tornaram um grande negócio. Então a indústria desenvolveu um espectro completo, incluindo fósforo, potássio, cálcio, microelementos, mesmo sob a forma de sais complexos, aplicados na forma granulada, algumas vezes de avião.

Em seguida, o autor mostra que após a Segunda Guerra Mundial, a incipiente indústria de pesticidas ampliou sua projeção e passou a produzir em larga escala, sendo incorporada à indústria que fabricava os adubos químicos hidrossolúveis.

Durante a Primeira Guerra Mundial, gás venenoso foi usado apenas uma vez, com efeitos devastadores para ambos os lados, e por isso nunca mais foram empregados. Durante a Segunda Guerra Mundial gases não foram aplicados em batalha, mas muitas pesquisas foram desenvolvidas. Bayer, entre outros, estava neste jogo. Ela desenvolveu os ésteres do ácido fosfórico. Depois da guerra eles tiveram uma grande capacidade de produção e estoques e concluíram que o que mata gente também mata os insetos. Fizeram novas fórmulas e as comercializaram como inseticida (LUTZENBERGER, 1988, P. 07).

O uso em larga escala do DDT e dos secantes, também, resulta de pesquisas e aplicações bélicas. Aquele teve sua primeira aplicação prática visando amenizar a malária que atingia as tropas americanas localizadas no Pacífico. Os outros são provenientes do conhecido agente laranja, veneno utilizado no Vietnã para desfolhar a floresta tropical e deixar os inimigos visíveis. Assim, os ingredientes do pacote chamado Revolução Verde, aplicado na agricultura moderna ou convencional, estavam formatados e foram amplamente aplicados em todo o planeta.

Segundo Gliessman (2000), para alcançar suas metas, maximização da produção e do lucro, a agricultura convencional estabeleceu, no mínimo seis práticas básicas: cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizante inorgânico, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas. Os itens manufaturados vendidos em pacotes tecnológicos, geralmente, estão aliados a financiamentos agrícolas e compra de safras, a maior parte destinada a mercados externos ou distantes da produção local.

Tal modelo de prática agrícola, aparentemente eficaz, levou ao empobrecimento geral da agricultura, tanto em nível de solo, de cultivos, de autossuficiência como de cultura, provocando o abandono de propriedades. Isso se verifica quando se observa, em meados da década de 1960, movimentos em distintas partes do planeta que visam retomar características da agricultura tradicional, buscando tecnologias de maior rentabilidade que respeitasse o meio e os produ-

tores. O termo agroecologia foi amplamente divulgado através de Altieri, pesquisador chileno, a partir de 1983. Com a obra de mesmo nome, o autor levou os saberes e as práticas de resgate dos movimentos sociais para o meio acadêmico e o termo ganhou terreno nos Estados Unidos e na Espanha.

Para Gliessman (2000, p. 54), pesquisador norte-americano, a agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela tem como base princípios e métodos ecológicos que determinam: “a) se uma prática, insumo ou decisão de manejo agrícola é sustentável, e b) a base ecológica para o funcionamento, em longo prazo, da estratégia de manejo escolhida”.

A expressão agricultura natural vêm dos japoneses, foi criada por Mokiti Okada, enfatizando a prática ligada aos ciclos naturais e às estações do ano, bem como aos ritmos das luas e outros elementos do ambiente. No Brasil um divulgador dessa prática foi o agrônomo Hiroshi Seó, através de cursos e práticas, ambos registrados na obra *Manual de Agricultura Natural* (1988).

Agricultura biodinâmica foi originada na Alemanha, baseada na teoria do antropofosista Rudolf Steiner (1861-1925). Adeptos de tal manejo propõe uma visão espiritual da agricultura e vendo nela o resultado da integração plena homem/natureza, recebendo influência dos astros e constelações, e de ciclos como as fases da Lua.

Nascido na Austrália, o movimento da permacultura prega o método de alternar gramíneas com leguminosas deixando sempre uma palha sobre o solo (BONILLA, 1992). Inspirada na observação direta da natureza, a permacultura estimula o uso de resíduos de um elemento natural para suprir as necessidades de outro (ROSS, 2008).

Na França, o nome escolhido foi agricultura biológica, tendo como referência o livro do francês Claude Aubert. Ela parte do princípio de que as plantas e os animais devem ser colocados em condições que lhes permitam boa saúde e vitalidade normal, sendo tratados como seres vivos e não máquinas de produzir alimentos. Com os franceses, os produtos vindos desta prática originaram uma certificação denominada bio.

O selo orgânico, que em nível de Estado Brasileiro pela legislação norteia a produção limpa, vem do conceito agricultura orgânica criado pelo inglês Howard, que desenvolveu seus estudos na Índia. Na Alemanha e nos Estados Unidos, a terminologia ganhou força. Na primeira através do professor Vogtmann e nos outros através da revista *Organic Gardening*, fundada por Rodale, que foi

uma grande difusora do conceito o qual oficialmente norteia a produção livre de aditivos químicos.

Práticas agrícolas alternativas em Porto Alegre

As idéias de práticas agrícolas chamadas alternativas surgiram no Brasil em meados da década de 1970, influenciadas pela onda de contestação à Revolução Verde que acontecia em outras partes do mundo (GLIESSMAN, 2000). As várias terminologias para a agricultura sejam alternativa, orgânica, ecológica e, mais recentemente, agroecológica tinham em comum o fato de repensarem a agricultura com o espaço rural, com aqueles que nele vivem e trabalham, dentro de uma perspectiva de respeito à natureza, aos seus recursos e produtores rurais.

No início dos anos 1970, a cidade de Porto Alegre destacou-se por suas atividades no movimento em defesa ambiental e, em 1971, foi criada a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, (Agapan). Um dos resultados do trabalho de denúncia e conscientização foi a lei estadual no 7.747, de 22 de dezembro de 1982 que “dispõe sobre o controle de agrotóxicos e outros biocidas em nível estadual e dá outras providências” (BONES, 2002, p. 209). Outra consequência direta foi a criação da Cooperativa Coolmeia, em 1978, que buscava trazer alimentos limpos para os consumidores portoalegrenses e, posteriormente, da Feira dos Agricultores Ecologistas.

“Quando a feira foi criada existiam vários conceitos relacionados à nossa proposta que poderiam perfeitamente nominá-la”, explica a agrônoma Glaci Campos Alves, uma das mentoras da FAE. Optou-se por destacar os termos Agricultores para que estes se destacassem diante dos urbanos que poderiam predominar na feira, assim, nos primórdios, tais bancas eram poucas. O termo Ecologistas remete ao envolvimento do grupo com o movimento ecológico, bastante atuante nas décadas anteriores. Além de Glaci, outros mentores da FAE, como José Lutzenberger, Sebastião Pinheiro, Jacques Saldanha, Néson Dihel tinham outros conceitos de produção livre de agrotóxicos.

Para Lutzenberger, o mais correto seria agricultura regenerativa (1998, p. 01):

Os agricultores regenerativos modernos estão aprendendo a se tornar cada vez mais sustentáveis, com colheitas ótimas e métodos localmente adaptados, enquanto recuperam e mantêm a biodiversidade nos seus cultivares e na paisagem circundante. Vamos chamá-los agricultores regenerativos, e

não biológicos, orgânicos ou alternativos. Quando se trata de vida, seja bom ou mau, tudo é biológico, é orgânico, mesmo grandes massacres. Alternativo apenas significa diferente, poderia ser pior. Mas regenerativo significa regeneração do que tem sido perdido ou destruído.

As agriculturas listadas anteriormente são expressões diversificadas, que convergem para o vernáculo criado na década de 1970: produção alternativa, sendo que cada um enfatiza seu histórico, contexto e características específicas. Para Bonilla (1992), agricultura alternativa é sinônimo de agricultura ecológica e as descrições acima, são apenas correntes desta. No caso da FAE, o modelo inspirador que norteia as atividades dos produtores está manifesto no nome: Feira dos Agricultores Ecológicos.

Visões de Paisagem e de Natureza

Ao longo da história da humanidade, desvendar novas terras, seja por necessidade, interesse econômico ou espírito de aventura, levou grupos humanos a conhecer e interagir com praticamente toda superfície do planeta. O encantamento pela diversidade das paisagens, ainda presente no imaginário das pessoas, pode ser comprovado pelas revistas dedicadas ao tema e à quantidade de viajantes que cruzam os sete mares, não só a negócios, mas também em busca de lazer e novos cenários.

Para a Geografia, a paisagem pode ser incluída entre os seus objetos de estudo ou categorias de análise, desde os primórdios, antes mesmo de tal área de conhecimento ter uma definição precisa. O conceito de paisagem passou por várias abordagens, desde a mera descrição e enumeração de seus elementos, até os conceitos atuais escolhidos para este trabalho. Cada geógrafo, na sua definição do termo, retrata de alguma forma o paradigma vigente na época em que vive e o contexto no qual está inserido.

No início do século vinte, o norte-americano Carl Ortwin Sauer contesta a visão determinista da Geografia, que tinha como prática basicamente descrever os elementos geográficos presentes na paisagem, e propõe a “morfologia da paisagem”, onde faz uma correlação entre seus objetos constituintes (Sauer, 1998). Para ele, a paisagem geográfica resulta da ação da cultura ao longo do tempo sobre a paisagem natural. A paisagem é modelada por um grupo cultural a partir de uma paisagem natural. A cultura é o agente, a área natural, o meio e a paisagem, o resultado.

O artigo publicada pelos alemães Hans Bobek e Josef Schmithüsen, em 1949, A paisagem e o sistema lógico da Geografia, serve como suporte para o estudo das relações homem-natureza inequivocadamente expressas na paisagem. Para os autores, fazem parte do campo do estudo geográfico fenômenos do mundo inorgânico, do mundo da vida e do mundo do espírito, sendo que cada um deles é regido por leis distintas, dificultando e aumentando a complexidade do objeto geográfico visto que os elementos dos três mundos estão integrados, resultando componentes novos pertencentes ao mesmo tempo a dois ou três deles. Bobek e Schmithüsen caracterizam a paisagem sob o enfoque nomotético (1998, p.77):

A geografia da paisagem procede de forma normativa ou nomotécnica, comparando as distintas partes da superfície terrestre e ordenando-as em tipos e gêneros, fazendo abstrações de suas peculiaridades individuais. Essa classe de unidades, definidas com base de sua aparência fenomênica, em sua trama de relações e em seu desenvolvimento histórico, denomina-se paisagem, independentemente de seu nível dimensional.

Estes alemães consideram a paisagem a partir de três pontos de vista que incluem os modos de investigação 1) fisionômico, que inclui a estrutura e a dimensão espacial; 2) ecológico, partindo da energia define-se sua dinâmica interna e ecologia; e 3) histórico ou genético, a partir do ponto de vista do tempo. Mais adiante, no mesmo artigo, a sociedade é comparada à complexa relação dos fatores bióticos com abióticos e a paisagem surge da integração das forças e fenômenos de ambos. No final, conclui-se que (BOBEK; SCHMITHÜSEN, 1998, p.83): “Os objetivos fundamentais da análise geográfica da paisagem são descobrir a ordem dentro da multiplicidade, decompô-la e explicar com clareza o emaranhado de relações recíprocas que nela se dá”.

Já o francês Augustin Berque, no seu entendimento de paisagem, a considera ao mesmo tempo como marca e matriz. Ambos estão relacionados com o processo e a temporalidade dos fenômenos. Para ele, a paisagem exprime concretamente o sentido que a sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza (1998, p. 84-85):

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas

de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno.

Berque resume a paisagem como plurimodal sendo passiva, ativa, potencial, etc. da mesma forma que é polissêmico o sujeito para o qual ela existe. Para ele, a paisagem e o sujeito estão cointegrados em único conjunto, que se auto-produz e auto-reproduz.

No processo de produção da paisagem, no final década de 1980, o inglês Denis Cosgrove leva em conta múltiplos patamares de significados de um local, como por exemplo, um mercado de compras em um sábado de manhã: “O local é um lugar simbólico onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflito” (1998, p.93). Segundo o autor, a maior parte dos geógrafos da Grã-Bretanha caracterizam-se pela praticidade e relevância realista, dificilmente abordando os temas cultura e simbolismo. Para ele, em meio à praticabilidade e os fatos demonstráveis (1998, p. 96):

(...) está a mágica real da geografia – o sentido de maravilhar-se com o mundo humano, a alegria de ver e refletir sobre o mosaico ricamente variado da vida humana e compreender a elegância de suas expressões na paisagem humana. Esta é a experiência que ainda faz o National Geographic uma das mais populares revistas do mundo. A geografia, afinal de contas, está em toda parte.

Assim, Cosgrove propõe tratar a Geografia como uma humanidade e como uma ciência social, aplicando habilidades interpretativas disponíveis ao estudar um romance, um poema, um filme ou um quadro. A abordagem, que iniciou no início dos anos 1970, está relacionada a movimentos sociais mais amplos e leva o autor, a partir da interpretação do simbolismo das paisagens culturais, às paisagens da cultura dominante e às paisagens alternativas, que podem ser residuais, emergentes e excluídas.

Em meados da década de 1990, Milton Santos apresenta uma clara distinção entre paisagem e espaço (Santos, 1996, p.103): “Paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”. A paisagem é a porção da configuração territorial que

é possível abarcar com a visão, feita por um conjunto de objetos reais-concretos, abrangendo objetos passados e presentes, que fazem chegar a uma construção transversal. Santos (1996, p. 107) defende a existência da paisagem através de suas formas criadas em momentos históricos diferentes, as quais coexistem no momento atual. “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam no espaço as funções sociais”.

Considera-se neste trabalho uma perfeita concordância com Corrêa e Rosenthal, para quem “a paisagem geográfica representa simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia” (1998, p.08). Aqui poderia adotar-se como recorte conceitual de paisagem qualquer um daqueles dados pelos geógrafos acima, porém acredita-se que o autor que mais condiz com o assunto é Yves Luginbül.

Em abril de 2001, este geógrafo francês apresentou um relatório ao Conselho Nacional da Paisagem, intitulado “A demanda social da paisagem”, que mostra vários conceitos de paisagem para pessoas urbanas, mais velhas e jovens, e para os agricultores, o que aproxima tal autor do propósito desta pesquisa com os integrantes da FAE.

Segundo Luginbül (2001), a dificuldade em abranger a demanda social da paisagem existe devido às múltiplas interpretações a ela conferidas pelo corpo social. O trabalho retrata os conceitos de paisagem de parte da população da França, que participou da pesquisa, sendo, segundo ele, um levantamento inédito. A escolha teórica do trabalho guiou-se pela tentativa de compreender as representações sociais da paisagem analisada por meio dos resultados de diversos pesquisadores e enquetes feitas em todo país na década de 1990. Entre elas, entrevistas do Instituto Nacional de Estudos Demográficos, francês, INED, feitas em 1992 divulgadas pelo Centro de Pesquisa para Estudo e Condições de Vida, CREDOC, em 1998; pesquisas do Instituto Francês do Meio Ambiente, IFEN; e enquetes oranzadas pelo Ministério de Administração do Território e do Ambiente.

Considerando uma definição espontânea, o termo paisagem recorre a um significado positivo, sendo imediatamente associada a um ideal e possui senso de utopia. Uma paisagem é sempre bela, mas essa classificação não é somente uma categoria estética por utilizar, também, as qualidades sugeridas: beleza, bem-estar, liberdade, amor, alegria de viver, lembrança, prazer, pureza. A associação à beleza remete a valores que ultrapassam a ordem estética, incluindo o fator social e o ecológico. “A paisagem não pode ser feia por corresponder a um ideal de harmonia” (LUGINBÜL, 2001, p. 06) Ela é sinônimo de paraíso ou pode ser

assimilada como um local que raramente pode ser visitado ou ainda como um sonho. A característica utópica produz outra noção a ela associada, a de necessidade.

Inversamente à primeira leitura positiva e utópica, a imagem da realidade traz palavras duras para a leitura da paisagem: pobreza, poluição, superpovoamento, miséria, fumaça, guerra, estresse, ou seja, na observação dos indivíduos aparecem paisagens feias. Tais adjetivos relacionam a ecologia com problemas ambientais e sociais, remetendo e associando-se às paisagens feias.

Tendo em vista os dois pólos, positivo e negativo, aquele remete a uma apreciação individual e este a uma coletiva, o que denota a dificuldade de viver uma relação harmoniosa e utópica na coletividade. A visão negativa sugere que a sociedade é incapaz de permitir um acesso justo à natureza ou repartir de modo equitativo seus atributos. A paisagem adquire uma significação mais próxima de uma construção social.

A partir dos dois lados de qualificação, positivo e negativo, a paisagem é ou é vista como um cenário ou, um quadro de vida, mesmo que o cenário, também, faça parte da caracterização do último. Há uma oscilação contínua entre as duas escolhas, a qual depende tanto dos grupos sociais que utilizam a paisagem quanto da maneira como a utilizam. As populações jovens estão inclinadas a ver a paisagem como um quadro da vida, para os adultos e as pessoas de idade, ela é mais uma questão de estética.

Pela análise do conteúdo dos discursos das entrevistas, o autor torna precisa a diferença entre cenário e quadro da vida, o primeiro apresenta uma relação com a harmonia e a beleza e o último, com a vida e a liberdade. A concepção estética faz parte do universo dos adultos, como turistas e novos residentes, e é rara entre os agricultores.

Na categoria vida + liberdade estão enquadradas as populações jovens e a maioria dos agricultores. Para aqueles, a liberdade é compreendida como um símbolo da capacidade da paisagem em oferecer um espaço de afastamento dos contrastes sociais e de escolher a liberdade de um modo de vida.

Para os agricultores, o conceito tem outro significado: engloba o desenvolvimento de um projeto de vida profissional com a liberdade de empreender e fazer a paisagem como entendem. A paisagem é sua obra, eles assimilam a paisagem às suas práticas profissionais estando associadas às práticas agrícolas e qualquer medida de proteção da paisagem é contestada por ser considerada contrária à criação de empregos.

Quando os agricultores têm em seu discurso os conceitos de harmonia e beleza, referem-se a dois significados. O primeiro revela sua visão de paisagem dita natural, como por exemplo, o litoral ou a montanha. No segundo, aparece uma estética do seu trabalho, onde, para eles, uma bela paisagem de campanha cultivada é construída por um trabalho bem feito. Os agricultores, na paisagem, veem as marcas das suas práticas agrícolas e observam boas maneiras de cultivar: “como trabalhar no campo sem deixar traços que sejam interpretados como trabalho negligenciado” (LUGINDBÜL, 2001, p.08).

Outro dado oriundo dos últimos trabalhos da pesquisa que compôs o relatório aponta qual seria a paisagem favorita no meio rural. Para os agricultores, as paisagens não trabalhadas aparecem em primeiro lugar, seguidas por pradarias naturais e campos cultivados, ambas com mesma preferência.

Após definir o conceito de paisagem para os agricultores, Luginbül discorre sobre a noção deles de natureza, pois “a paisagem é somente assimilada na natureza” (LUGINBÜL, 2001, p.09). A categoria dos agricultores e pessoas ligadas a ela considera que fazem parte da natureza os campos e os animais da fazenda, sobrepondo-se ao relevo. Ao classificar a natureza em dois conceitos, o autor relaciona o conceito de natureza natural como preferido dos jovens e o de natureza antropofisada como o favorito dos agricultores, que são os mais representativos para tal opção.

Milton Santos, a partir da configuração territorial, apresenta uma definição de natureza semelhante à de Luginbül, (SANTOS, 2002, p. 62):

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades, etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada.

Para o autor no mundo de hoje é, frequentemente, impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens.

Tecnologias construtoras da paisagem

Tanto a paisagem quanto a natureza estão submetidas a processos de transformação sejam eles naturais ou antrópicos. Santos (2002) coloca a paisagem como uma testemunha da sucessão dos meios de trabalho e como um resultado histórico acumulado. Para ele, a evolução que marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais, marca também, as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto geomorfologicamente, quanto do ponto de vista das funções e processos. Desta forma, as épocas e as práticas se distinguem umas das outras.

Na época da Revolução Verde e do atual Agronegócio, a produção e a transformação do meio rural têm como elementos estruturantes (GLIESSMAN, 2000): cultivo intensivo do solo, monocultura, aplicação de fertilizantes sintéticos, irrigação, controle químico de pragas e ervas adventícias, manipulação de genomas de plantas. Para Gliessman, tais práticas características da agricultura convencional comprometem a produtividade futura em favor do alto rendimento no presente. Para ele, por degradar o solo, desperdiçar e usar água exageradamente, poluir o ambiente, depender de insumos externos, perder a diversidade genética e não ter controle local sobre a produção agrícola, o agronegócio é uma prática ecologicamente insustentável. Isto pode ser comprovado, após os primeiros anos da Revolução Verde, no empobrecimento dos agricultores, no abandono das terras e na busca de agriculturas alternativas.

Lutzenberger, em obra póstuma, explica o domínio da tecnologia adotada no Agronegócio a partir da tecnocracia que controla os instrumentos de reprodução dos modelos sejam agrícolas ou sociais (LUTZENBERGER, 2009, p. 25):

A parcela maior do poder pertence hoje à tecnocracia, um poder bem mais difuso, muitas vezes anônimo, com grandes e pequenos centros e com ideologia própria. Mas esta ideologia é igualmente difusa. Ao contrário do que ocorria com ideologias tradicionais, políticas ou religiosas, raras vezes ela é expressa de forma explícita, pelo menos em sua totalidade. O que aparece é apresentado não como ideologia, mas como senso comum. Difícilmente as pessoas se dão conta dos dogmas embutidos no discurso.

Gliessman (2000), quando fala que a agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável, pode

ter instigado grandes transnacionais a distorcerem agroecologia para agronegócio, inclusive recebendo a certificação de produto orgânico, prevista na lei que, como as certificadoras convencionais e as fábricas de sementes híbridas, também pertence à tecnocracia.

Para reagir e resistir ao “poder anônimo”, Lutzenberger recomenda o uso de tecnologias brandas, que são concebidas de maneira simples para atender reais necessidades humanas e de forma harmônica com o mundo natural. Assim, são muito diferentes das tecnologias duras, definidas como tecnologias e infraestruturas tecnológicas concebidas para criar dependência e estruturar esquemas de dominação.

Bonilla (1992), na obra *Fundamentos da Agricultura Ecológica*, descreve as características da agricultura ecológica segundo suas bases filosóficas, éticas, sócio-econômicas e também tecnológicas e bioecológicas. Estas compreendem a diversificação da produção e a continuidade do fluxo produtivo, integrando a família do produtor com a do consumidor; melhoria da capacidade produtiva do solo; conservação do meio ambiente; qualidade biológica dos alimentos, em níveis sanitário e nutricional; e otimização do balanço energético, pressupondo a utilização de todo o tipo de resíduos agrícolas a serem convertidos em solo.

Abordagens de pesquisa para entender a FAE

A partir das abordagens teórico-metodológicas apresentadas acima, conceitos envolvendo agricultura, paisagem e tecnologias de produção, foi escolhida a amostra qualitativa, descrita anteriormente. Os dados foram obtidos mediante a elaboração de um questionário e a observação de campo das propriedades escolhidas.

Três eixos centrais convergentes nortearam a organização dos dados obtidos, um relaciona-se à produção ecológica, outro à FAE e o terceiro à paisagem. Em algumas vezes, os dados apresentados interconectam dois ou até os três temas propostos na pesquisa.

Partindo do enfoque da produção dos feirantes, verifica-se que esta segue as diretrizes da agricultura orgânica, a qual, conforme Bonilla considera-se o solo como um corpo vivo, onde a harmonia e o equilíbrio são palavras-chave (BONILLA, 1992). Para o autor essa prática agrícola tem como fundamentos tecnológicos: 1. diversificação da produção e a continuidade do fluxo produtivo, integrando a família do produtor com a do consumidor; 2. melhoria da capacidade produtiva do solo; 3. conservação do meio ambiente; 4. qualidade bioló-

gica dos alimentos, em níveis sanitário e nutricional; e 5. otimização do balanço energético.

De acordo com o primeiro tópico listado pode-se avaliar: a) se existe biodiversidade na produção; b) se a família que produz para a FAE, também, utiliza essa produção para consumo próprio e o quanto ela é autossuficiente. Em relação ao segundo item, há condições de inferir quais os elementos da paisagem que revelam uma preocupação com a qualidade da vegetação, do solo e da água e como cada um dos participantes da amostra faz sua manutenção e adubação. No terceiro, há a possibilidade de verificar se há preservação da natureza e, também, as práticas presentes e prognósticos futuros em relação à preservação. Analisar o uso de tecnologias brandas faz parte do último fundamento: otimização do balanço energético. Aqui pode ser visto se as tecnologias geram paisagens homogêneas ou heterogêneas e se estas podem ser consideradas como constituintes de uma proposta de ampliação da biodiversidade.

Em relação à paisagem, a partir de Luginbül (2001) tem-se a conceituação de paisagem e natureza, sendo a primeira considerada um quadro de vida, na qual sua preservação é vista como um obstáculo. Já a natureza relaciona-se às práticas agrícolas cotidianas sendo percebida como natureza antropofisada.

Na análise dos dados obtidos será mostrado como os agricultores da FAE concebem a paisagem, tanto a partir do seu conceito quanto das suas práticas. Sobre natureza, além de apurar se ela é considerada natural ou antropofisada, convém averiguar se o seu conceito interfere ou influencia na sua rotina de produção.

Caracterização dos produtores e propriedades

As bancas eleitas para a pesquisa foram: Aecia Bellé, Sítio Apiquários, Coopael, Família Stefanoski e Banca do Arroz.

Aecia Bellé - A família de Nélio Bellé, 54 anos, integra a Associação dos Agricultores Ecologistas do Centro de Ipê e de Antônio Prado, Aecia, está na feira desde o início da mesma Com 13,75 ha, a propriedade que pertencia ao pai de Nélio está localizada na Linha Silva, primeiro distrito de Santana, interior de Antônio Prado, em uma região elevada do Planalto, no topo que separa duas bacias hidrográficas. A família possui uma agroindústria na qual produz extratos, sucos e geleias de frutas cultivadas e nativas, bem como cultiva hortaliças, legumes e flores, levados semanalmente à feira pelo caminhão da Aecia. Os quem vêm à feira, são membros das famílias produtoras, que fazem um rodízio entre si e viajam em um ônibus especialmente fretado para o evento.

Sítio Apiquários - Moradores de Porto Alegre, Lorita Festa Rossi, 58 anos, e seu marido Roque Domingos Rossi, compraram em 1983 uma área na Linha Moreira, interior de Gramado, que correspondia a três propriedades abandonadas pelo êxodo rural. O casal mudou-se para dois anos após a compra e em 1990 passaram a fazer parte da FAE. Localizada na borda do Planalto, no início eram colhidos mel e hortaliças. Com o passar dos anos, tornaram-se especialistas em chás e ervas medicinais, vendidos tanto in natura como embalados secos. Atualmente, nos 24 ha chegam a ser produzidos cem espécies de plantas fitoterápias. A família dispõe de uma estufa para secar as ervas e possui transporte próprio para levar os produtos e produtores à feira. Geralmente atendem na banca todos os integrantes da família: Lorita, Roque e os dois filhos.

Coopael - José Mariano Matias, agricultor originário de Erval Grande, reuniu-se ao Movimento dos Sem Terra (MST) e em 1989 recebeu suas terras em Eldorado, vindas da fazenda do Irga, que deu origem ao Assentamento Integração Gaúcha. Nos 21 ha da propriedade, que fazem parte da Depressão Central, Jalo cultiva hortaliças e arroz para comercializá-los na Banca da Coopael, há 17 anos presente na FAE. A propriedade foi a pioneira no cultivo orgânico, inspirando outros colegas do assentamento, os quais formaram a cooperativa. Os alimentos das 10 famílias que produzem para a banca chegam à feira em um caminhão da cooperativa, Jalo dirige-se à FAE em veículo próprio acompanhado por sua esposa Marinês Riva, titular da Banca Pão da Terra, que expõe produtos de um panifício no qual trabalham as mulheres do assentamento.

Família Stefanoski - Provenientes da Região do Alto Uruguai, os irmãos Stefanoski compraram uma propriedade no município de Cerro Grande do Sul, no Escudo Sul-rio-grandense e estão na FAE há 16 anos. Na propriedade de 7 ha, Vilson Stefanoski, 38 anos, trabalha com duas outras famílias na produção de hortaliças, legumes, batata-doce, aipim, tomate coração-de-boi e morangos. Agora a família faz parte da Astrasul, Associação de Trabalhadores Rurais Sul-rio-grandenses, que foi criada em 1998, e agrega sete famílias, algumas adotaram a produção para a feira em substituição ao tradicional plantio de fumo, típico da região. Tanto os produtos como os vendedores da Astrasul vão até a FAE em ônibus próprio. Normalmente, atendem na banca Vilson e sua esposa Cristiane, bem como representantes das outras famílias.

Banca do Arroz - A banca do arroz resulta do trabalho de Juarez Felipi Pereira, 54 anos, que está desde jovem na propriedade da família, localizada na Planície Costeira. Praticando a agricultura convencional por 18 anos, Juarez deu-se conta de que estava empobrecendo e perdendo sua saúde, assim, influenciado por amigos adotou o modelo de produção ecológica em 1995. Juarez está na

FAE há 11 anos e chega à feira em veículo próprio que transporta os seis tipos de arroz: catetos, aromáticos, agulhões, vermelhos, motis e preto. A produção é feita nos 20 ha da propriedade.

No quadro 01 estão os produtores, a autodenominação, a localização geográfica e o tamanho da sua propriedade. Todos entrevistados se autodenominam produtores orgânicos, Vilson foi o único a chamar-se de produtor ecológico.

Outro dado marcante trata da independência na produção, ressaltada por Vilson e Juarez. O primeiro orgulha-se de estar fora do sistema convencional de empréstimos e pacotes tecnológicos, o outro entrevistado lista as etapas do processo produtivo que realiza, todas executadas em sua propriedade, salvo a de transporte e comercialização.

Quadro 01 - Dados e Autodenominação dos Produtores

| Bancas FAE Localização Geográfica | Idade | Estudo | Tempo como agricultor | Autodenominação | Área da propriedade |
|--|---------|------------------------------|-----------------------------|---|------------------------|
| Aecia Bellé Nélio Roberto Bellé Topo do Planalto | 54 anos | Ensino Médio | Desde a infância | Produtor orgânico, trabalha com agricultura familiar. | 13,7 ha |
| Sítio Apiquários Lorita Festa Rossi Borda do Planalto | 58 anos | Superior | Desde os 33 anos | Produtora de ervas medicinais orgânicas. Como produtora, tem ligação com a terra, as plantas e a cura. | 24 ha |
| Coopael José Mariano Matias (Jalo) Depressão Central | 42 anos | Fundamental Tec. Agrícola | Desde a infância | Produtor orgânico, trabalho com horta e lavoura de arroz. | 21 ha |
| Família Stefanoski Vilson Luiz Stefanoski Escudo Sulriograndense | 38 anos | Fundamental incompleto | Desde a infância | Produtor ecológico, orgânico, livre de pacotes tecnológicos e independente de financiamentos do governo. Livre para fazer suas ações conforme achar melhor, trabalha sem atravessador com liberdade de comercialização. | 7 ha |
| Banca do Arroz Juarez Felipi Pereira Planície Costeira | 54 anos | Fundamental incompleto | Desde a infância | Produtor de alimentos, agricultor familiar. Segue o modelo de agricultura orgânica. Faz todos os processos da produção: cultivo da terra, tratamentos culturais (manejo com água compostos, preparados), colheita, secagem, preparo de sementes, beneficiamento, transporte e comercialização. | 20 ha |

Quanto ao tamanho da propriedade, há uma variação de 24 a 7 ha, sendo que nelas trabalham membros da família e outras pessoas, sejam elas contratadas ou, a grande maioria, recebem como diaristas.

5 Tecnologias brandas marcam a paisagem

Uma característica na produção, que permite a continuidade, é o vínculo com a terra. Pode-se verificar se ele existe, através da produção dos alimentos para consumo próprio na propriedade, onde se realiza o cultivo para fins comerciais.

Na autossuficiência, Aecia Bellé e Coopael tem um índice de 90%, seguidas por Família Stefanoski e Sítio Apiquários, com 80%. O índice de Juarez, 60%, justifica-se por sua horta estar em fase incipiente e sua produção comercial não incluir folhosas.

Sobre a independência na produção de mudas e sementes, as bancas com maior especificidade de produção, Banca do Arroz e Banca do Sítio Apiquários, possuem maior índice de produção de sementes próprias, respectivamente 100 e 90%. Na segunda banca, a única variedade que precisa ser comprada é a salsa. Como Juarez trabalha com o resgate das variedades de arroz, além de ter autonomia total, muitas espécies de sua lavoura praticamente inexistem no mercado de sementes. Já Aecia Bellé, Coopael e Família Stefanoski, apresentam autonomia de 50%. Por trabalharem com hortaliças, a dependência de sementes é maior devido à dificuldade de reproduzir espécies oriundas de outros climas, como cenouras e beterrabas. Apenas uma alface, conhecida como caxias ou costina, produz semente própria passível de reprodução.

Um elemento comum na paisagem é a composteira, seja em locais de maior destaque ou aparecendo em uma área mais discreta, junto ao galpão ou nas proximidades da horta. A ilustração 01 mostra a localização em cada propriedade.



Ilustração 01 – Localização das composteiras nas propriedades visitadas.

1. Construída em alvenaria e com telhas de barro, a composteira ocupa uma área plana de topo de morro, na propriedade da Família Stefanoski.
2. Localizada na mata que serve de dormitório para o gado, possui pilares de eucalipto cobertos por lonas e tem suas laterais cercadas; ao fundo Juarez molha o composto.
3. Na propriedade de Jalo, a composteira fica próxima à entrada da horta.
4. Nélio produz o composto ao lado da garagem do trator, em uma caixa de madeira coberta com zinco.
5. Junto ao galpão e próximo ao mato, no início da estrada em direção ao riacho, está a nova composteira do Sítio Apiquários.
6. Sobras da cobertura vegetal depositados próximos aos canteiros formam o composto 'in loco'. Ocorre tanto na propriedade do Jalo, quanto na de Lorita, retratada na imagem acima.

Preservar o meio ambiente relaciona-se ao manejo orgânico. No quadro 02 pode contar-se se a paisagem natural está preservada e quais elementos permitem reconstituir o ambiente original.

Todos os produtores tem uma preocupação com preservação das áreas, o que varia de 25 a 80% da propriedade preservada. No futuro, o grupo espera ampliar a presença de árvores e de mata, fortalecendo a preservação deste ambiente.

Quadro 02 - Preservação do ambiente

| Bancas da FAE | Elementos da paisagem natural | Área preservada | Área de cultivo | Projeção para o futuro |
|--------------------|---|-----------------|-----------------|--|
| Aecia Bellé | Ausente: campos e matas de araucária modificados. Bosques replantados | 2 ha | 75% | Crescimento e ampliação da mata e espécies frutíferas |
| Sítio Apiquários | Mata Atlântica natural e secundária em crescimento | 20 ha | 20% | Crescimento e ampliação da mata |
| Coopael | Campo com banhados e área alagadiça, mata ciliar, riacho | 3 ha | 86% | Crescimento e ampliação das espécies frutíferas |
| Família Stefanoski | Mata ciliar original e mata de topo de encosta. | 3 ha | 57% | Crescimento e ampliação da mata e espécies frutíferas |
| Banca do Arroz | Mata de topo de morro, campo e banhado nas áreas baixas, resquícos de mata ciliar | 16 ha | 20% | Crescimento e ampliação da mata e espécies frutíferas por sementeira natural |

Quanto à paisagem natural, a única que tem praticamente apagados os vestígios de onde seria campo e de onde seria mata com araucárias, é a cultivada pela família Bellé. Tendo com uso intensivo da agricultura, o mato existente é de ordem, no mínimo, secundária. Araucárias presentes junto à estrada foram plantadas pelo pai do produtor, que recebeu severas críticas dos seus contemporâneos por este ato. A falta de evidências deixa em dúvida se as duas nascentes da propriedade, uma de cada lado da estrada que atua como um divisor de águas seria de campo ou de mata ciliares. Nas demais, é possível fazer uma rápida reconstituição da vegetação original em um passado recente a partir dos dados apontados. Tal definição facilita, inclusive, o apropriado destino da área visando à preservação.

Entre as práticas da agricultura ecológica que remetem ao manejo tradicional, conceituadas por Lutzenberguer (1998) como tecnologias brandas, está o manejo da água no cultivo da lavoura de arroz na propriedade de Juarez, visto na ilustração 02.



Ilustração 02 - Manejo da água no cultivo de arroz. 1- Maior barramento. 2- Retirada de saco de areia para aumentar a vazão. 3 - Maior fluxo em direção à lavoura. 4. Menor fluxo para o plantio devido à retirada do saco de areia ilustrado na imagem 2.

As relações entre o conceito de paisagem e o de natureza interferindo no processo de produção que mantém ou modifica alguns elementos existentes nas propriedades serão feitas a partir dos dados do quadro 03, apresentado a seguir.

Quadro 03 - Paisagem e natureza no processo de produção

| Bancas FAE | Conceito de paisagem | Conceito de natureza | Construção da paisagem |
|--------------------|---|---|---|
| Aecia Bellé | A maneira de ver como estão as coisas. A pessoa pode intervir e mudar a paisagem. Quando planta fica uma paisagem bonita. Paisagem é o que tem de bonito. | Natureza é tudo aquilo que a gente precisa preservar: as matas, os rios, os campos. | Processo inicial, trabalho difícil plantar espécies nativas para corte e colheita de frutos. Coloca árvores, fazendo manejo florestal com o uso de podas quando necessário. |
| Sítio Apiquários | Paisagem é tudo o que se consegue observar, independente de belo ou não, no sentido de ver. Às vezes as pessoas olham sem enxergar nada. | Natureza é a minha casa, tenho uma ligação muito forte com a natureza. | Oportunidade de intervir de acordo com meu ponto de vista, colocando árvores onde é necessário; para melhorar a produção. Torna locais mais agradáveis, pela estética, pela sombra. Ao observar sente-se é preciso construir e intervir na paisagem. |
| Coopael | Componentes da natureza formam a paisagem. Paisagem de um campo, mato, floresta, paisagem natural. Formada por rios, pássaros, animais, no caso das florestas, com árvores. | Natureza é todo ambiente em que a gente vive, a casa, o ambiente mais próximo, a lavoura ou outro local. O princípio de manejo é o mesmo: cuidar do lixo, não poluir. | O homem sempre interviem, o manejo consciente tem comprometimento e cuidado na preservação da natureza. Se quebra um mato, precisa ver como vai recuperar. Agir com consciência e respeito. |
| Família Stefanoski | Paisagem define o lugar e do que o lugar é capaz, o que se pode fazer ali. Uma paisagem boa é a mais natural possível, como o mato ali na frente, ela descreve a saúde do ambiente. | Natureza é vida, é tudo: planta, solo, ser humano. É um todo, é a vida. | Homem tem capacidade de modificar a paisagem, tanto para melhor quanto para pior. A agricultura ecológica imita a natureza, deixa-a fluir e respeita a vida. Organizar o solo, semear, limpar manualmente, molhar, colher e ir para a feira. |
| Banca do Arroz | Paisagem é o pano de fundo onde a gente está assentado e desenvolve atividades. As culturas fazem parte da paisagem. Quanto menos impactante for essa cultura, mais adequado está o processo de intervenção e de atividade na paisagem. | No sentido espiritual natureza é o que rege tudo. Aquilo capaz de regular as estações do ano, as horas do dia, o sol e a chuva. O programa que avisa a semente na hora de germinar, sugere para os pássaros o momento de fazer o ninho. | Liberdade para interagir junto à natureza e a capacidade para saber esperar os resultados. Deixar árvores nativas crescerem junto à lavoura de arroz. Retirar o pastoreio de áreas sem cultivo para a paisagem revigorar e se diversificar. Atenção em produzir mudas para aumentar espécies importantes na paisagem: pitangueiras, guajuviras, guabiju, bambus, araucárias e outras. |

‘Quadro da vida’ e não apenas um ‘cenário’ é a definição comum a todos sobre paisagem, resultado semelhante ao que Luginbül, apresenta dos agricultores franceses. No incício, Lorita fala da paisagem de maneira estática, mas em seguida propõe-se a intervir naquilo que enxerga acrescentando ali árvores e arbustos mais coloridos. Para todos os agricultores a natureza é tida como parte da vida, sendo importante e fundamental à produção. A variação dada a esse conceito atribui-se aos ramos da agricultura ecológica vivenciados por cada um. Pelo seu discurso, Bellé e Vilson enquadram-se na agricultura ecológica, ressaltando a preservação e a totalidade. Jalo, ao destacar o ‘cuidado’ e listar vários ambientes a ser tratados com igual respeito, remete-se à agricultura regenerativa. Lorita e Juarez enfatizam a questão pessoal que os aproxima da antroposofia e da biodinâmica. Ela frequentou a Grande Fraternidade Universal, instituição que originou a Cooperativa Coolméia. Ele fez cursos da agricultura limpa divulgada pelos alemães.

Outra análise das respostas, considerando a natureza para Luginbül (2001) e Milton Santos (2002), agrupa Lorita, Jalo e Vilson no conceito de natureza antropofisada; Bellé vê a natureza como natural; e Juarez vai além. Baseado nas teorias da agricultura biodinâmica, expressa idéias que poderiam levar a um novo conceito de natureza, além da natural, englobando também a antropofisada. O termo proposto aqui seria uma natureza cósmica, expressando relações profundas e espirituais de processos que regem as naturezas citadas pelos demais autores.

Dados do quadro permitem apreender que a construção da paisagem, nos moldes da agricultura ecológica, se dá a partir do conceito de natureza. Nélio relata que no seu processo de construção da paisagem encontra dificuldades: “como intervir na natureza que deve ser preservada?”; nas suas práticas está o manejo de espécies arbóreas, frutíferas e de corte. Lorita fala de uma intervenção estética, colocando árvores onde é necessário e tornando o local mais agradável; mostra-se tranquila em relação ao processo de construção por estar em uma propriedade que têm 80% da área destinada à preservação.

Em seu manejo, Jalo demonstra comprometimento e preservação. Vilson vê na sua ação uma maneira de imitar a natureza, reproduzindo vida e respeitando a totalidade defendida nas práticas ecológicas. Juarez, por sua vez, propõe o equilíbrio dinâmico dos processos naturais, tentando intervir o mínimo possível, ele espera que novas árvores nativas cresçam junto à lavoura de arroz semeada pelos animais silvestres.

O quadro 04 traz elementos da paisagem relevantes ao longo do tempo, considerando no passado a lembrança mais significativa ou remota do local; no presente a atualidade e no futuro projetos fundamentados nas práticas do agora. Semelhantes são os itens listados no passado e no presente projetando-se para o futuro. Nélio apreciava florestas com espécies frutíferas nativas, muito devastadas na sua região, no presente quer ver as mudas recém-plantadas crescerem logo para no futuro ampliar o bosque. Lorita, no início, encantou-se com a geografia dos morros recobertos por mata, hoje ainda tem nas árvores o elemento favorito da paisagem e pretende colocar mais cores em meio ao verde. Jalo, vindo do MST, lista a terra e a água como elementos mais importantes na propriedade tanto no passado quanto no presente e, no futuro, quer que faça parte da paisagem um silo de arroz.

Quadro 04 - Elementos da paisagem relevantes ao longo do tempo

| Bancas FAE | Passado | Presente | Futuro |
|--------------------|---|---|---|
| Aecia Bellé | Florestas com araucária e frutas nativas: guabiroba, cerejeira, jerijá, guaviju. | A biodiversidade e produção, ver mudas plantadas crescer e dar frutos. | Ampliar a mata e a biodiversidade consorciada. Ver as mudas plantadas virarem árvores. |
| Sítio Apiquários | O mato e morros do entorno preservados, a geografia do lugar. | As árvores e o mato que são predominantes na propriedade. | Mais arbustos e árvores coloridas no meio do verde. Manter a mata. Novos moradores na propriedade. |
| Coopael | A terra plana e a água aflorando em algumas áreas de banhado. | Depois da terra, a água elementos que juntos permitem a sobrevivência. | Agrofloresta, silo de arroz, padaria-escola, alojamento para turistas. Diversidade da produção. |
| Família Stefanoski | A mata nativa onde havia a fonte de água. | A mata e as plantas que cultiva na propriedade. | Matas preservadas, boa produção, harmonia ainda maior com a natureza. |
| Banca do Arroz | A água do riacho que corre e árvores no bosque: guajuviras, palmeiras, outras frutíferas nativas. | Os ciclos da natureza: primavera com flores; verão culturas no auge; outono frutos, inverno fecha um ciclo. | Recuperação de matas: topo, vertentes e ciliares. Árvores robustas e produzindo frutos. Biodiversidade consolidada. |

Vilson destaca no pretérito a mata nativa e a fonte de água, hoje, valoriza a produção e a azola, cultivada nos lagos, como composto; planeja preservar a mata e trabalhar em harmonia com a natureza. Do passado, Juarez destaca o riacho e árvores nativas, hoje se encanta com os ciclos da natureza que interferem na sua produção a qual necessita da água corrente e está rodeada por árvores semeadas pelos pássaros; no futuro almeja a recuperação natural da mata e a biodiversidade consolidada.

O quadro 05 compara a paisagem antes e após a produção ecológica. Ela passou de homogênea para heterogênea, existindo também uma ampliação da biodiversidade.

Expressões comuns retratam a paisagem pré-produção ecológica: degradação, monocultura, lavouras abertas, área abandonada, desmatamento, herbicidas, adubação química. O manejo atual remete a compostagem, resgate de sementes, vegetação nativa, mata preservada, biodiversidade, aparecimento de fauna local.

Quadro 05 - Paisagem anterior e posterior à produção alternativa

| Bancas da FAE | Elementos anteriores | Elementos atuais |
|--------------------|--|--|
| Aecia Bellé | Área degradada, monoculturas, poucas árvores. Lavouras abertas: milho, feijão e cebola. Uso de herbicidas, adubos químicos e lavração. Potreiros com gado. Há 25 anos. | Hortalças, frutas nativas diversificadas. Uso de adubo orgânico e composteira. Sementes: produz ou troca. Paisagem consorciada: mata e produção. Mata aduba, protege, auxilia, recupera o solo. |
| Sítio Apiquários | Área abandonada com muito capim e mata baixa. Lavouras abertas de tomate. Há 25 anos. | Plantas nativas, mata crescendo. Cultivo manual de canteiros. Ervas de nascimento espontâneo. Solo com pedras, menores retiradas. Local de compostagem. Preparo de sementes, mudas, solo. |
| Coopael | Cultivo de arroz e gado. Campo e gramado descampado, quase sem árvores e plantas apenas maricás sem sombra ou frutíferas. Há 19 anos. | Ervas daninhas para insetos na horta. Palha de arroz protege o solo. Vegetação retirada usada para composto. Minhocário. Diversidade de plantas na lavoura. No arroz manejo com água e palha. |
| Família Stefanoski | Paisagem preservada, ficou 20 anos sem intervenção. Há 50 anos era produzido cana com manejo de queimada. Leiteira há 19 anos. | Mata nativa, sistema de produção imita processos da mata. Composteira. Reservatório de água. Plantas aquáticas no composto. Mudas e cultivo em estufa. Gado auxilia no trabalho e fornece matéria-prima para compostagem. |
| Banca do Arroz | Uma propriedade preservada, outra destruída: produzia fumo, mata nativa para lenha. Paisagem desfigurada, espécies selecionadas pelo gado, só plantas duras e espinhentas: maricá, branquinhos. Ambiente incapaz de reproduzir palmeiras e guajuviras. Há 22 anos. | Biodiversidade das culturas praticadas. Vegetação nativa. Mata próxima às lavouras. Composteira em área de mata. Presença de animais domésticos e avesselvagens como marecos, garças, socós e, também, répteis e anfíbios. |

6 Síntese final dos resultados obtidos

O conceito de paisagem construída pelos integrantes da FAE remete ao “quadro da vida” proposto por Luginbül (2001) e na sua construção são utilizadas tecnologias da agricultura ecológica que promovem a biodiversidade e preservam o ambiente.

A matriz dada à transformação da paisagem orienta-se pelo conceito que cada produtor tem de natureza. Assim, cada agricultor localiza-se em uma dentre as várias práticas incluídas na agricultura alternativa ou agricultura ecológica (BONILLA, 1992). Para os produtores, os elementos considerados mais importantes na paisagem do passado são similares aos da paisagem presente e participam do planejamento para o futuro. Em relação às características da propriedade anteriormente e após a produção ecológica, no primeiro caso os verbetes lista-

dos pelos entrevistados são pejorativos e no segundo transmitem confiança no modelo que constrói paisagens heterogêneas.

As tecnologias da agricultura ecológica são feitas a partir de insumos e necessidades locais, considerando a natureza como uma parceira do processo produtivo. Mesmo utópico, o ideal para esta produção seria uma gleba ampla, ocupado por produtores com manejo semelhante, localizada junto a uma área de preservação.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998. 110 p.

ALVES, Glaci Campos. **Entrevista concedida à Cláudia Dreier**. Porto Alegre: 2010.

AURVALLE, Ângela Escosteguy; GUAZZELLI, Maria José; PINHEIRO, Sebastião. **Agropecuária sem veneno**. Porto Alegre: L&PM, 1985. 128 p.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Uerj, 1998. p. 84-89.

BOBEK, Hans; SCHMITHÜSEN, Josef. A paisagem e o sistema lógico da Geografia. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Uerj, 1998. p. 75-83.

BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. **Pioneiros da Ecologia**: breve história do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Já Editores, 2002. 214 p.

BONILLA, José A. **Fundamentos de Agricultura Ecológica**: sobrevivência e qualidade de vida. São Paulo: Nobel, 1992. 260 p.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Uerj, 1998. p. 92-122.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. 653 p.

LEIBIG, Justus von. **Dados biográficos**. Disponível em: <http://www.explicatorium.com/Justus-von-Leibig.php>. Acesso em: dez. 2010.

LUGINBÜL, Yves. **La demande sociale de paysage**. Relatório para o Conselho Nacional da Paisagem. Paris: Conselho Nacional da Paisagem, 2001. 21 p.

LUTZENBERGER, José. **Absurdo da Agricultura Moderna**: dos fertilizantes químicos e agrotóxicos à biotecnologia. Porto Alegre: 1998. 08 p. Disponível em: <http://www.fgaia.org.br/texts/biotec.html>. Acesso em: nov. 2010.

_____. **Garimpo ou gestão**: crítica ecológica ao pensamento econômico. Porto Alegre: Vidicom Audiovisuais Ltda Edições, 2009. 203 p.

MARS, R. **O design básico em permacultura**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2008. 167 p.

PINHEIRO, Sebastião. **Entrevista concedida à Cláudia Dreier**. Porto Alegre: 2010.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobatto (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. 227 p.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobatto (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. 123 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002. 384 p.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobatto. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Uerj, 1998. p. 12-74.

SEÓ, Hiroshi. **Manual de agricultura natural**: unidade da vida. São Paulo: Cultrix, 1988, 197p.

VERNADSKY, Vladimir Ivanovich. **The Biosphere**. New York: Copernicus, 1998. 192 p.

